

O LATIM, O CRISTIANISMO E AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

META

Compreender as relações entre o latim, o cristianismo e as línguas românicas.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

- conhecer o processo de evolução do latim depois do surgimento do cristianismo;
- compreender a importância do cristianismo na preservação e divulgação da língua latina;
- reconhecer o papel da ação missionária da Igreja no surgimento e afirmação dos diferentes romances;
- analisar os aspectos lingüísticos do latim que se associam à construção de uma terminologia eminentemente cristã.

PRÉ-REQUISITOS

Todas as informações anteriores são de suma necessidade para a compreensão do fato lingüístico e da análise filológica que se pretende fazer das línguas neolatinas.

Esta aula, por tratar daquilo que o latim representou para o cristianismo nascente, exige alguns conhecimentos ligados à mensagem do evangelho como proposta de salvação destinada a todos os povos.

Nos primórdios da pregação cristã, era antes o grego a língua de maior influência e isso fez com que todo o novo testamento fosse escrito nesta língua.

Importa, pois, conhecer alguns aspectos da história e da geografia deste tempo; fixar alguns períodos de maior relevância e buscar entender o que, na sua essência, caracteriza o anúncio do evangelho. Ademais, não se pode negligenciar a cultura desta época em que o cristianismo teve de conviver com costumes assaz contrários à sua proposta em termos de moral e costumes, reagindo fortemente contra certas práticas pagãs.

Compreender todo esse contexto é condição *sine qua non* para conduzir reflexões e discussões nas quais a presença do latim é um elemento de valor incontestável.

Não se pode negligenciar a importância da língua grega e, para bem compreender o nosso campo de estudos, algumas noções do grego e da cultura helênica tornam-se prerequisites indispensáveis.

Pelo menos a leitura das palavras gregas vai ser uma exigência necessária para a compreensão mais ampla de certas colocações filológicas.

INTRODUÇÃO

O cristianismo surgiu em ambiente especificamente semita e a língua de Jesus e dos seus primeiros seguidores, bem como da maioria das gentes que iam até Ele, era o aramaico. No entanto, estando a Palestina do tempo de Jesus sob o domínio romano, a língua latina era o idioma usado pelo invasor. Nesta região de grande movimentação comercial, o grego também fazia parte do cotidiano palestino.

Importa, porém, deixar claro que também a Igreja não tinha objetivos linguísticos embora, ao longo de toda a história, fosse adotando o latim como língua oficial, chegando mesmo a revesti-lo de uma certa sacralidade, como se fosse a única língua verdadeiramente digna do culto, dos documentos oficiais, das comunicações entre as comunidades. Tal postura vigorou até, mais ou menos, 1964, mas até hoje muitos saudosistas teimam em trazê-la de volta.

O interesse e a valorização do latim pela Igreja assume, na verdade, duas feições distintas, pois, ao lado desta sacralidade acima referida, estava a consciência de que o evangelho deve ser anunciado na língua em que melhor se der a sua compreensão. É verdade que a Igreja supervalorizou o latim e conservou muitos documentos e obras, graças à dedicação de monges e estudiosos que dedicaram a vida para conservar e fazer compreender todo o patrimônio que a língua latina comporta.

Do mesmo modo, é também verdade que foi a Igreja que mais incentivou o surgimento dos romances passando a pregar, ensinar e realizar suas ações litúrgicas na língua própria de cada povo ao qual se dirigia.

Aos poucos, a Igreja Cristã vai deixando visível a marca registrada de sua ação apostólica e vai preocupar-se em criar um culto, emitir documentos, traduzir a mensagem, formar uma terminologia específica, tudo isso com feição própria e diferenciada.

O latim certamente está visivelmente presente em todas essas manifestações de genuinidade até ser, por fim, considerado a língua oficial da Igreja, como é ainda hoje.

O LATIM E A IGREJA

O latim vulgar teve em todas as províncias o poderoso apoio da Igreja Cristã ao adotá-lo como língua oficial. A tendência era desprezar o latim clássico nas pregações e usar o latim popular como forma de fazer a mensagem mais clara e mais vivida. Santo Agostinho dirá: *Mellius est reprehendant nos grammatici quam non intelligant populi* (Cf. VIDOS, p. 164). Dizem que Santo Agostinho, ao converter-se, leva consigo uma conversão linguística e ele próprio já se refere a *ecclesiastica loquendi consuetudo*.

Este costume se reflete na liturgia, nas escrituras, na administração a tal ponto de se ter afirmado que nos primeiros séculos os cristãos eram uma sociedade fechada sobretudo em se considerando o aspecto linguístico.

Mas o latim vulgar não existe como língua; existem textos latinos em que aparecem vulgarismos revelando a modalidade do latim falado pela população menos letrada. Se existiram dialetos do latim falado, as inscrições até hoje não confirmaram isso.

Os primeiros documentos cristãos são produzidos por homens de grande cultura na maioria deles e usavam elementos populares em suas obras, visto que se dirigem às grandes massas e o objetivo de proselitismo não é o culto.

Nada mais errado do que insistir na oposição entre dois latins como se fossem dois mundos linguísticos estranhos um ao outro. O latim vulgar, ajudado pelo poder da Igreja, não é senão uma modalidade popular do latim clássico, com toda a sua força e poder transformador de tornar-se, pouco a pouco, os diversos romances. Existem constatações da existência de um latim homogêneo e popular de onde aparecem as línguas românicas e, para essa homogeneidade, muito contribuiu a propagação do cristianismo, dada a necessidade de fazer chegar ao povo a mensagem, que, aos poucos, foi adotando uma linguagem unificada até, finalmente, dogmatizar-se. Os documentos vão assumindo fórmulas de dogmatização como *credo*, *anathema sit* etc.

A força do latim foi-se perdendo dentro da própria Igreja quando se chegou a um estado tão deplorável de compreensão e uso desta língua que o papa Zacarias (714-752), por exemplo, se viu obrigado a tolerar a administração de certos atos em latim contendo erros considerados graves na configuração da língua: sacerdotes e fiéis já não mais entendem o que dizem ou lêem (Cf. Vidos, p. 203) e os atos litúrgicos passam a ter um caráter maquinal de pura repetição de fórmulas já decoradas. Coisas como *In nomine da Patria, et Filia et Spiritua Sancta* denotam o descaso para com as declinações já nesta época. Aboliam, assim, o exclusivismo e o normativismo do latim clássico e literário. A preocupação maior é o *kerigma*, a mensagem muito mais que a forma literária com que é transmitida.

Nesta concepção, a língua deveria estar servindo aos objetivos do cristianismo. A *Itala* ou *Vetus Latina* é um exemplo da versão da bíblia repleta de expressões populares e de elementos gregos e semíticos.

Por volta do século IV, nota-se um certo retorno à antiga tradição romana e helenística, o que confere um caráter mais douto às obras cristãs e este fato é mais uma prova de incontestável contribuição do cristianismo para a manutenção do latim e para a formação das línguas românicas.

Até se questionou se o *latim vulgar* e o *latim cristão* não seriam a mesma exatamente a mesma coisa. Na verdade, o *latim vulgar* desenvolve tendências ancestrais de configuração indoeuropeia, o que tem pouco a ver com o *latim cristão* com suas tendências popularizantes com vistas aos objetivos da evangelização dos povos. Este *latim cristão* também se difere do próprio *latim eclesiástico*, tendo esta configuração mais culta, literária e técnica.

A língua técnica do cristianismo é toda calcada no grego, haja vista ser costume do próprio latim realizar empréstimos da língua e cultura helênica e não dispor o cristianismo de uma terminologia própria para expressar conceitos cristãos. O grego, por excelência, é uma língua técnica, muito apropriada para transmitir com mais exatidão os conceitos de qualquer área do saber humano. E foi assim também utilizado para fixar conceitos teológicos. Este dado é muito importante nos estudos da filologia, porquanto será possível perceber a carga semântica contida em muitas palavras e como, sabiamente, a Igreja soube associar *palavras e coisas* na elaboração de toda a fundamentação de sua doutrina.

De início, os convertidos ao cristianismo faziam parte das classes menos favorecidas, que, como já se disse, assimilavam facilmente o grego. Aos poucos, porém, filhos e filhas da nobreza também começam a aderir à fé cristã (a exemplo de Perpétua e Felicidade, Inês, Cecília, Luzia, Apolônia, Sebastião) gerando certas necessidades de ordem linguística, pois era o latim a língua das classes nobres de Roma e dos domínios do império, incluindo o norte da África. Por muito tempo acreditou-se que a latinização da Igreja tenha começado pelo norte da África, mas, na verdade, este fato é contemporâneo ao processo de latinização da Igreja de Roma, que já estava em curso no século II.

Realmente dois antigos documentos - *Acta Martyrum Scillitanorum* e *Passio Fellicitatis et Perpetuae* – foram gerados em meios africanos, mostrando a importância deste território para os primórdios do cristianismo. Na verdade, duas versões das escrituras já circulam desde os tempos remotos: uma, denominada *Afra*, atende às necessidades do norte da África; outra, a *Vetus Latina*, destina-se às comunidades europeias. Em ambas já se percebe uma certa erudição fugindo um pouco ao estilo vulgarizante. Dois nomes merecem destaque: Santo Agostinho (africano de Tagaste e bispo de Hipona / 354-430) e São Jerônimo (Dalmácia, hoje, Croácia / 340- 420). Contemporâneos, ao primeiro se devem grandes obras de doutrinação, mostrando os passos da afirmação da fé cristã; ao segundo atribui-se a primeira versão da bíblia em latim, denominada Vulgata.

Após a queda do império romano (em 476 d. C.), a Igreja, que já vinha gozando de certas vantagens desde Constantino pelo famoso Edito

de Milão (ano 313), vai assumindo posição de superioridade e vai adotando muitas marcas do extinto império em suas denominações e maneiras de conduzir a administração de suas comunidades.

O latim continua tendo a sua importância, mas, desfeito o império, as províncias vão ter mais liberdade para dar força aos dialetos nativos, embora já fortemente desfigurados pelo contato com a língua de Roma. São esses falares, no entanto, que muito interessam no trabalho de levar a mensagem cristã, então os romances passam a ser incentivados pela Igreja.

Ainda se tentou com a Reforma de Carlos Magno (768 – 814) restaurar a importância do latim numa atitude aliada aos grandes empreendimentos a favor do ensino e das escolas. As línguas românicas, no entanto, já estavam em tão franca expansão que apenas se conseguiu revigorar o latim em ambientes diretamente ligados às atividades de valorização dos documentos antigos, tais como os conventos e mosteiros. É louvável a atitude de um monarca germânico pela restauração do latim, mas que força poderia ter tal atitude às vésperas do pleno florescimento dos romances?

Finalmente, veio o Concílio de Tours, em 813, a prescrever que as pregações fossem feitas nos dialetos próprios de cada comunidade e, já em 842, aparece o mais antigo texto em romance francês: *Os juramentos de Strasburg*. Assim, inicia-se uma nova fase no âmbito linguístico com o fortalecimento das línguas de cada província, terreno fértil para o surgimento das atuais línguas neolatinas ou línguas românicas de que fazem parte o português, o espanhol, o francês, o italiano entre outras.

CARACTERÍSTICAS MARCANTES

Cabe aqui questionar: que características marcam este percurso entre o latim clássico – latim vulgar e os diferentes romances?

Você já viu, caro aluno, na aula anterior determinadas variações que atingiram o plano fonológico e morfossintático na passagem de uma realidade linguística para outra. Agora esses aspectos serão retomados levando em consideração o fato de ter sido o cristianismo o lugar em que essas modificações aconteceram com maior intensidade, pois se tratava do uso concreto de uma modalidade de língua que melhor se prestasse à divulgação da mensagem; daí a palavra de ordem é facilitar, como, de certa forma o latim vulgar já vinha fazendo. Aqui, porém, quanto mais se aproxima da realidade de cada povo, mais a mensagem será assimilada. E, para isso, existirão tantas modalidades quantas forem as peculiaridades de cada território.

NO VOCABULÁRIO

O grande recurso para o léxico são os empréstimos tomados ao grego e, neste âmbito, não há como esquecer os efeitos de ordem semântica que

surgem na adoção de novos termos e na tentativa de criar uma terminologia eminentemente cristã. Muitas palavras assimiladas do contexto profano vão ganhar novo sentido, nova ampliação de significado e assim passam a ser conhecidas de agora em diante. Na sua origem, por exemplo, *sacramentum* nada mais é do que um *juramento* geralmente exigido dos soldados que se engajam na guerra. No contexto eclesiástico, porém, a palavra ganha sentido *sinal eficaz da graça de Deus*, visto em sete modalidades que devem acompanhar todos os instantes da vida. Outro exemplo significativo: *salus* = *bem estar* evolui para designar a *salvação eterna*, donde vem a palavra *salu(s)ator* = *salvador* (*soter* em grego).

Outros exemplos de uma terminologia própria do cristianismo: *certamen* = *perseguição* / *martyrion* = *testemunho de sangue* / *lapsus, relapsus* = *caído em falta* / *candidatus* = *adversarius* / *stephaneo* = *coronare* / *cadere* = *ruere*.

Muitos empréstimos provindos do hebraico também vão ser incorporados, embora em menor quantidade: o termo *geena*, lugar onde era depositado e queimado o lixo de Jerusalém, passa a indicar *lugar de suplício* destinado aos condenados, algo como inferno. Outros termos do hebraico: *go'el* = *redemptor*; *amém* = *sim, firmeza*).

Outros desvios de significado ainda servem de exemplo: *fides* – passa de *lealdade* a *ato de fé* / *virtus* evolui de *valor* a *virtude* / *spiritus* designa não mais *sopro, vento* e passa a ser *espírito, uma pessoa divina*.

Outros empréstimos ao grego: *metanoia* / *epifania* / *episcopo* / *carisma* / *catecúmeno* / *neófito* / *mártir* / *evangelho* / *apóstolo*.

Alguns neologismos aparecem na tentativa de adaptar o grego ao latim: *sárkikos* – *carnalis* / *pneumáticos* – *spiritualis* / *paráklitos* – *advocatus* / *soter* – *salvator* / *logos* – *verbum* etc.

PALMER (p. 184-207) chama a atenção para outras modificações:

Ainda no domínio do vocabulário, da formação das palavras:

- Predileção por palavras extensas: *coronamentum* / *grandimentum*.
- Formação de abstratos em *-tudo*: *magnitudo* / *consuetudo* / *rectitudo*.
- Indicação dos diminutivos: *ovicula* / *aurícula* / *caecicula*.
- Adjetivos terminados em *-bilis*: *amabilis* / *admirabilis* / *acceptabilis*.
- Formas adjetivas em *-osus*: *meticulosus*.
- Adjetivos terminados em *-bundus*: *meditabundus*, *mirabundus*.

NA MORFOLOGIA

Muitas características morfológicas possuem feição própria do latim popular:

- O neutro plural muitas vezes é assumido pelo feminino singular: *agenda*, *legenda*, *vota*, *merenda*, *apostilla*.
- O desaparecimento do neutro faz também com que certas palavras apareçam com forma masculina: *signus*, *vinus* / *verbus*.
- Alguns verbos mudam de conjugação: *fugere* > *fugir* / *studere* > *estudar*.

NA SINTAXE

- É muito freqüente o uso do adjetivo substituindo o genitivo restritivo: *domus aurea / turris eburnea / apostolica verba / misericordia divina / disciplina ecclesiastica*.

- As orações subordinadas substantivas objetivas diretas reduzidas de infinitivo ou não reduzidas funcionam da seguinte forma:

No latim clássico: verbo no infinitivo, sujeito no acusativo e ausência do conectivo (forma reduzida):

Dico Deum esse bonum (Digo Deus ser bom).

No latim vulgar: sujeito e predicativo do sujeito no nominativo, verbo no tempo requerido pelo contexto e presença do conectivo:

Dico quia Deus bonus est (Digo que Deus é bom).

Dois exemplos da própria liturgia da Igreja:

Clássico: *Memento, homo, te esse pulverem et in pulverem reversurum*. (Lembra-te, homem, tu seres pó e ao pó haverás de voltar!).

Vulgar: *Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris* (Lembra-te, homem, que tu és pó e ao pó voltarás!).

- Conforme se disse, a ausência dos casos força o aparecimento dos artigos e intensifica o uso das preposições.

- O artigo indefinido provém da forma no numeral *unus, una*.

- O desaparecimento do dativo obriga o emprego de preposições: *dixit ad Ioseph* (também porque muitos nomes próprios não se declinam).

- Usa-se o modo indicativo no discurso indireto e a forma do gerúndio-ablativo em lugar do particípio presente: *amando* por *amante*.

- Nos aspectos linguísticos, costume-se diferenciar os *cristianismos lexicais* (*apokalypsis = revelatio*) dos *cristianismos semânticos* (*omologeïn = confiteri*).

Outras mudanças semânticas a partir do grego: *dioikesis; sínodos; paroikia*.

São chamados *cristianismos indiretos* aqueles que, por natureza, não estão associados à religião cristã. Atestam uma diferenciação linguística e social dos cristãos. Essas inovações não especificamente cristãs podem ter origem na língua comum.

- Outro dado interessante diz respeito à predileção por certos sufixos: *opperator, redemptor, salvator, redemptio, illuminatio, purificatio*.

Também se observa a predileção por verbos em *ficare*: *beatificare, sacrificare, sanctificare, glorificare*.

Os missionários imprimem à língua o mesmo dinamismo que os soldados durante o império e a forma característica de correspondência escrita são as epístolas.

CONCLUSÃO

Desde os primeiros passos de sua existência, o cristianismo vai firmando uma linguagem própria que se reflete tanto na fala quanto na escrita. A base inicial foi o grego, embora recheado de hebraísmos. Em seguida vem o latim, o qual consegue atravessar séculos graças ao empenho que a Igreja sempre lhe dedicou. Por questões de ordem prática, a Igreja também favorece os romances, meios mais eficazes para se fazer compreender.

RESUMO



O latim vulgar teve em todas as províncias o poderoso apoio da Igreja Cristã, sobretudo quando foi por ela adotado como língua oficial, mas esta modalidade de latim também se presta muito bem aos objetivos do cristianismo. Existe até uma certa aversão ao latim clássico por se tratar de produção de autores pagãos, mas sobretudo por ser mais difícil, por este meio erudito, atingir as classes populares.

A preocupação maior é pelo *kerigma*, não importando muito a feição literária do discurso, embora muitos autores cristãos tenham bom conhecimento do latim clássico e apreciem os bons autores desta modalidade. Costuma-se dizer de São Jerônimo, em tom de anedota, que era mais *ciceronianus* do que *christianus*.

Por volta do século IV, nota-se um tímido retorno à tradição romana e helenística, o que confere um caráter mais douto às obras cristãs do período.

A princípio, era o grego a língua mais usada pela Igreja haja vista ser de fácil compreensão este idioma pelas classes mais simples. Paradoxalmente, Paulo escreve sua carta aos romanos em língua grega e o primeiro catecismo cristão, a *Didaké*, foi também escrito em grego.

O grego tornou-se uma espécie de língua técnica e quase toda a terminologia básica do cristianismo foi calcada na língua grega, sendo, inclusive, necessária uma certa compreensão da cultura helenística para bem assimilar os conceitos.

Ressaltem-se também os hebraísmos que compõem as palavras de base: *Siloé*, *Telônio*, *Belém*, *Betel*, *Betfagé*, *Betânia*, *Sinédrio*, *Racca* etc.

O norte da África também merece destaque pelos autores e obras de lá originados.

Desde o primeiro século, já se fala de uma comunidade cristã bem estruturada em Roma (Cf. a perseguição de Nero) e muitos membros da nobreza, aderindo à fé cristã, ajudam a imprimir nova feição ao catecumenato cristão.

Importa salientar duas importantes contribuições literárias oriundas da Espanha: *Peregrinatio Etheria (Egéria)* (Cf. módulo 8) e as famosas *Etimologias de Isidoro de Sevilha*, obra fortemente calcada sobre o imaginário popular.

Uma certa homogeneidade do latim vai-se rompendo diante dos contatos com os diversos falares das províncias e isto faz com que elementos populares apareçam permeando os escritos, bem com o recurso às glosas passa a ser uma necessidade de esclarecimento à medida em que se está mais distante das origens (Ex.: *Siloé, que quer dizer o enviado*). Combate-se, então, o exclusivismo clássico e a tendência é abrir espaços para os falares regionais.

O latim, mesmo oficialmente adotado, terá que conviver com as tendências linguísticas de cada território. Um francês, por exemplo, não estando habituado às proparoxítonas (grande marca latina) será levado a pronunciar: *Dominús vobiscúm; Patér Nostér* etc.

O latim clássico já é língua morta ainda nos tempos do império: latim da elite, das escolas, dos escritores, os quais também usam expressões populares nas suas obras.

Isso vai caracterizar o que se chamou de *baixo latim*, aos poucos tornando-se a língua oficial da Igreja, tendo mais tarde (séculos XII e XIII) representantes ilustres como Antônio de Pádua, Bernardo de Claraval, Tomás de Aquino e outros.

O latim cristão é popularizante como o vulgar, mas centrado em objetivos definidos: evangelizar, atingir o povo.

O latim eclesiástico é culto, litúrgico, literário, respondendo a finalidades mais administrativas, burocráticas, possuindo terminologia oficial com tendências ao dogmatismo, à formulação de padrões doutrinários.

Houve até, sob Carlos Magno, uma tentativa de reerguer o latim dos clássicos, mas a marcha dos romances era tal que o Concílio de Tours vem abrir amplas perspectivas aos romances. Daí ter-se recolhido nos mosteiros o latim dos estudos, dos documentos, das pesquisas, das obras literárias. É notável o empenho dos monges pelo ensino do latim, tendo em Cluny, na França, o seu melhor ponto de florescimento e irradiação sobretudo no aspecto litúrgico com a perfeita ligação entre o latim, a poesia e a música, muito bem conseguido pelo canto gregoriano.

As modificações do latim tocam todos os aspectos da linguagem: fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Em suma, a trajetória do latim na Igreja vai de par com o processo de evangelização, sendo impossível dissociar o latim do cristianismo, os aspectos religiosos dos aspectos da linguagem.



ATIVIDADES

As atividades aqui sugeridas dizem respeito à melhor compreensão daquilo que a língua latina representou e representa para a religião cristã.

1. ORGANIZE um Quadro Sinótico contendo todas as modalidades em que o latim se desdobra destacando o carácter específico de cada uma delas.
2. APRESENTE as principais mudanças ocorridas do latim clássico ao latim vulgar utilizado pela Igreja especificando os dados fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Procure outros exemplos fora do conteúdo desta aula para ilustrar cada item.
3. PESQUISE as semelhanças e diferenças na denominação dos DIAS DA SEMANA nos diferentes romances. Em que a língua portuguesa inovou neste aspecto graças à influência da Igreja?
4. RESPONDA:
 - a) Por que motivos a Igreja ao mesmo tempo que ajudou a preservar o latim também incentivou a expansão e afirmação dos romances?
 - b) O que foi a Reforma Carolíngia?
 - c) Que importância tem o grego para o cristianismo nascente?
 - d) Que autores cristãos podem ser citados nos primeiros séculos do cristianismo?
 - e) Por que meios a Igreja associou literatura, música e arte?
 - f) O que representam os mosteiros na tarefa de preservar o latim?

Continue o trabalho de ir construindo o glossário. Vá dispondo as palavras em ordem alfabética e acrescentando informações que não deixem dúvidas sobre a conceituação de cada item.

Este é um trabalho de pesquisa para o qual você pode recorrer aos dicionários, internet, manuais de filologia, gramáticas láticas etc. Importa, enfim, que você mesmo se dê por satisfeito estando plenamente seguro daquilo que cada conceito quer expressar. Para isso, muito contribui a busca de elementos comuns entre conceitos permitindo que tenha uma visão global daquilo que se discute. Eis as novas palavras motivadas por esta aula:

Kerigma / Ítala ou Vetus Latina / Vulgata / Semita / Aramaico / Helenismo / Koiné / Edito de Milão / Constantino / Queda do Império Romano / Invasão dos povos bárbaros/ Reforma Carolíngia / Concílio de Tours / S.P.Q.R. / Cúria / Província / Legião / Diocese / Paróquia / Sumo Pontífice (Pontifex Maximus ou Augustus) / Catecumenato / Sacramento / Batismo / Eucaristia / Acólito / Diácono / Presbítero / Cardeal / Eminência / / Fonologia / Morfossintaxe / Semântica.

REFERÊNCIAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- BOUET, Pierre et alii. **Initiation au système de la langue latine**. Paris: Nathan, 1975.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. São Paulo: Ática, 1993.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.
- DANGEL, Jacqueline. **Histoire de la langue latine**. Paris: 1995.
- ELIA, Sílvio. **Preparação à lingüística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- GALVÃO, José Raimundo. **Alomorfias do léxico português**. São Cristóvão: EDUFS, 2008.
- _____. **Fundamentos da língua latina**. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão - CESAD : EDUFS, 2008. 2 v.
- HECKLER, Evando et alii. **Dicionário morfológico da língua portuguesa**. São Leopoldo: EDUNISINOS, 1984, 5 v.
- _____. **Estrutura das palavras**. São Leopoldo: EDUNISINOS, 1994.
- _____. **História e estória das palavras**. São Leopoldo: EDUNISINOS, v. I-XX, 1988-1997.
- ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.
- IODAN, Iorgu. **Introdução à lingüística românica**. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.
- LAUSBERG, Heinrich. **Lingüística românica**. Tradução de Marion Ehrardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1963.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica, 1956.
- PALMER, L. R. **Introducción al latín**. Tradução de Juan José Moralejo e José Luis Moralejo. Barcelona: Ariel, 1984.
- TARALLO, Fernando. **Tempos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1994.
- VÄÄNÄNEM, Veikko. **Introducción al latín vulgar**. Tradução de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1968.
- VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de lingüística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.